

## A CO-GERAÇÃO DE ENERGIA ELÉTRICA EM USINAS DE AÇÚCAR E ALCOOL

Marli de Bem Gomes<sup>1</sup>

O Estado de São Paulo precisa no momento de 12 mil megawatts de potência para funcionar sua indústria, seu comércio e para a iluminação de ruas e residências. Isto representa mais de um quarto da demanda brasileira. E é um número que tende sempre a crescer. Nosso Estado produz, em usinas hidrelétricas 8700 megawatts e o resto importa de Furnas e Itaipu, principalmente. Há três hidrelétricas, Taquaruçu, Rosana e Três Irmãos que, até 1994, poderão fornecer mais 1400 megawatts. Existe também a possibilidade de a usina Porto Primavera, prevista para 1998, fornecer mais 1800 megawatts, mas é discutível, pois haverá alto impacto ambiental. Com isso, porém, esgotamos os potenciais de nossos rios. E a demanda deverá continuar crescente. Há, porém, três modos de tentar resolver o problema: através da co-geração de energia, por termelétricas e por usinas nucleares. Este último, após a experiência de Angra, nos deixa ressabiados. A co-geração de energia é possível nas usinas de açúcar e álcool, nas indústrias de cítricos, alimentícias, de papel e celulose e de produtos químicos e petroquímicos. De grandes consumidores passam a auto-suficientes e podem ainda fornecer energia ao sistema. São as usinas de cana podem colocar mais 600 megawatts até o final do século e cerca de 2000 megawatts até o ano 2010. Isto sem gasto do governo, reduzindo o risco ambiental e a curto prazo.

Há, pois, interesse do governo no uso racional da energia gerada nas usinas de açúcar e álcool e, no dia 13/08/93, assinaram, no Palácio dos Bandeirantes, usineiros e concessionários de energia, contrato de longo prazo onde se estipula que o preço da energia, das usinas será dado pelo custo do megawatt novo, ou seja cerca de US\$41. Esse preço garantido estimula a produção dessa energia.

<sup>1</sup> Professora Associada, Departamento de Matemática e Estatística, ESALQ/USP.